



10 DE NOVEMBRO DE 2020

A Biblioteca de Babel

Por Marco Antônio dos Santos Martins, professor do Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS

O escritor argentino Jorge Luis Borges escreveu em 1944 o conto “A Biblioteca de Babel”, considerado um dos textos mais complexos do autor. Trata-se de uma narração fortemente descritiva, onde o narrador apresenta aos seus leitores a imagem de uma Biblioteca, a Biblioteca de Babel, que é analisada sobre os mais diversos ângulos, permitindo um grande número de interpretações.

No conto, Borges compara a biblioteca a um grande repositório de conhecimento para responder às angústias da humanidade na busca de respostas para intermináveis perguntas. Para o autor, por mais que os homens quisessem ler e ter a ideia de que todo o conhecimento está em um único livro, isso seria impossível, pois, mesmo que ele existisse, nunca haveria a certeza de que ele representa a verdade absoluta.

Ao descrever a biblioteca, o autor enfatiza sua complexidade e grandiosidade: “O UNIVERSO (que outros chamam a Biblioteca) compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no centro, cercados por balaustradas baixíssimas. De qualquer hexágono, veem-se os andares inferiores e superiores: interminavelmente.

A distribuição das galerias é invariável. Vinte prateleiras, em cinco longas estantes de cada lado, cobrem todos os lados menos dois; sua altura, que é a dos andares, excede apenas a de um bibliotecário normal.

Uma das faces livres dá para um estreito vestíbulo, que desemboca em outra galeria, idêntica à primeira e a todas. À esquerda e à direita do vestíbulo, há dois sanitários minúsculos. Um permite dormir em pé; outro, satisfazer as necessidades físicas. Por aí passa a escada espiral, que se abisma e se eleva ao infinito.

No vestíbulo há um espelho, que fielmente duplica as aparências. Os homens costumam inferir desse espelho que a Biblioteca não é infinita (se o fosse realmente, para que essa duplicação ilusória?), prefiro sonhar que as superfícies polidas representam e prometem o infinito...”

No transcorrer do texto, a grandiosidade e a complexidade da biblioteca são comparadas à dificuldade de compreensão da realidade. O autor comenta sobre a dificuldade de comparar obras, tendo em vista a variedade de títulos e temas, a diversidade de idiomas utilizados, bem como os incontáveis desafios de julgamentos, sugerindo que, mesmo diante um olhar inquisidor, é difícil separar o certo do errado, o bem do mal.

O conto termina com o autor ressaltando o caráter ilimitado e periódico da biblioteca e a desordem em que os livros estão dispostos, que representa, em última análise, um curioso ordenamento: *“Atrevo-me a insinuar esta solução do antigo problema: A Biblioteca é ilimitada e periódica. Se um eterno viajante a atravessasse em qualquer direção, comprovaria ao fim dos séculos que os mesmos volumes se repetem na mesma desordem (que, reiterada, seria uma ordem: a Ordem). Minha solidão alegra-se com essa elegante esperança.”*

Nesta semana, em que as atenções do mercado financeiro e do mundo estiveram voltadas para o desfecho final do pleito eleitoral americano, percebem-se diversas interpretações sobre os acontecimentos durante a campanha eleitoral, bem como em relação à divulgação do resultado final. Sob uma perspectiva, observamos o atual Presidente, derrotado, atacando o processo eleitoral sem apresentar provas. Sob outro ângulo, vemos o candidato eleito pregando união e igualdade entre os

americanos, combate à Covid-19 e uma economia mais pujante e sustentável. Além disso, nos deparamos com grupos radicais que disseminam, também sem provas, teorias conspiratórias estapafúrdias e infundadas, como a que liga os democratas a supostas redes de pedofilia.

O comportamento humano nos leva a refletir que o texto de Jorge Luis Borges pode ser também interpretado à luz da moderna sociedade da informação, que alimentada pelas hexagonais e infinitas conexões das redes sociais, flexibiliza fatos e torna cada vez mais difícil a compreensão da realidade, dando a impressão, como na Biblioteca de Babel, que a quantidade de dados e informações, bem como a velocidade com que circulam e se multiplicam, são insuficientes para responder às infinitas dúvidas formuladas pelos tomadores de decisão.

O mercado financeiro, perdido nesta moderna “biblioteca de babel”, encerrou a semana em alta, acreditando que o histórico de diálogo de Joe Biden possa auxiliar na aprovação do pacote fiscal, estimado em até 10% do PIB (US\$ 2 trilhões) e, assim, acelerar a retomada do nível da atividade econômica americana, mesmo diante do crescimento do número de casos da Covid-19.

No mercado interno, os investidores resolveram esquecer “as infinitas galerias do hexágono da biblioteca” e acompanharam o bom humor do mercado externo, com o Ibovespa exibindo forte recuperação nos preços, fechando a sexta-feira, 6, em 100.925 pontos, com uma valorização de 7,42% na semana. Na mesma linha, o dólar Ptax encerrou a semana em R\$ 5,5313, com queda de 4,17% na semana.

Por fim, as taxas de **juros futuros tiveram forte queda**, também influenciadas pelo otimismo do mercado em ver Joe Biden chegando cada vez mais perto da Casa Branca. No fim do dia, 6, a taxa do contrato de DI para janeiro de 2022 caiu de 3,45% para 3,36%, a do DI para janeiro de 2023 caiu de 5,03% para 4,92% e a do DI janeiro de 2025 recuou de 6,66% para 6,57%.

Em termos de perspectivas, o mercado deve voltar a monitorar o cenário interno, acompanhando, entre outras coisas, a divulgação dos índices de inflação do mês de outubro e as negociações em torno do orçamento para 2021.

📍 INFORMAR ERRO

📁 ANÁLISE: CONJUNTURA NACIONAL E CORONAVÍRUS

ARTIGO